

Trust baixa "prime" de 12,75% para 12,25%

Nova Iorque — O Bankers Trust, um dos maiores bancos americanos baixou ontem a **prime rate** de 12,75% para 12,25%, uma queda de meio ponto percentual. Foi a segunda queda desde 21 de setembro, quando o Morgan Guaranty baixou a **prime** de 13% para 12,75%. Ontem, apenas um banco da Califórnia, o Mitsui, seguiu a ação do Bankers Trust, mas se espera que até o final da semana, os demais grandes bancos já tenham baixado suas taxas.

A queda, conhecida pouco antes de meia-dia de ontem, já esperada para esta semana e foi atribuída pelo Bankers Trust ao declínio nas taxas dos Federal Funds (reservas que os bancos emprestam uns aos outros), que ontem pela manhã abriram cotados a 10,625%.

Bom para o Brasil

Com um custo menor para obter dinheiro, sofrendo concorrência de fontes alternativas de financiamento, e devido a um certo desaquecimento da economia no último trimestre do ano, os bancos começaram a baixar suas taxas de juros que — espera-se — devam chegar a 12% até as eleições de novembro.

Cada ponto percentual de queda na **prime** representa teoricamente — para o Brasil — uma baixa de 750 milhões de dólares nos juros de sua dívida externa. A possibilidade de queda nas taxas de juros já era antecipada pelo **Wall Street Journal**. Ontem, vigoravam nos EUA três níveis de taxas **prime**: a do Bankers Trust, em 12,25%. A do Wells Fargo, que tem mantido a sua em 12,50%; e a do mercado (12,75%).

Segundo o **Journal**, a queda das taxas de juros tem refletido, além de uma desaceleração na economia, a política de maior disponibilidade de crédito por parte do Federal Reserve (o banco central americano): as taxas dos Federal Funds caíram 1,5% desde meados de setembro.

Além disso, muitas empresas estão preferindo vender papéis comerciais a curto prazo do que tomar dinheiro de bancos. O total desses papéis, cresceu 6,1 bilhões de dólares, perfazendo 68,9 bilhões de dólares em setembro. As taxas desses papéis são bem mais baixas do que a **prime**. Na sexta, por exemplo, papéis com vencimento de três meses eram negociados a 10,3%.

Por outro lado, também as taxas de certificados de depósito bancário (CDB) de três meses vêm caindo. Na sexta, eles eram cotados a 10,5%, caindo de 10,75% na quinta-feira. No final de setembro, o preço dos CDBs estava em 11,125%.

Se, a curto prazo, as perspectivas parecem animadoras, a longo prazo os economistas estão (mais uma vez) divididos. Alguns, como Gordon Pye, **senior vice-presidente** do Irwing Trust Co, disseram ao **Journal** que por volta de maio do ano que vem, a **prime** deverá estar em 11,5%, devido — sempre — ao declínio do ritmo da expansão da economia.

Outros, como Irwin Kellner, economista-chefe do Manufactures Hannover, acham que a relativa desaceleração da economia será substituída mais tarde por um crescimento mais acelerado, pondo mais pressão no mercado. Para ele, a **prime** poderá subir até 13% no final do ano e 14% no meio do ano que vem.

Outros analistas ainda, tomando como base uma taxa de expansão da base monetária prevista entre 4% a 7% no próximo ano pelo próprio Federal Reserve, estimam que isso resultará num aumento do PNB americano de 9%, (antes de ser ajustado pela inflação), e poderá levar a taxa inflacionária dos EUA dos atuais 4% para 6% no próximo ano.

FRITZ UTZERI
Correspondente